

## Morreu o meu querido Pai, um Grande Homem

Deixou-me valores fundamentais nomeadamente a Disponibilidade e Solidariedade para os concidadãos, Lealdade e Camaradagem, Patriotismo e Abnegação para servir o País, Coragem e capacidade de Liderança e acima de tudo, Honra e respeito pela palavra dada. Não conseguirei chegar ao nível dele, mas honrarei a sua memória.

Também fui o filho do Óscar, que passou o dia 25 de Abril com a mulher Dina a chorar, convicta que não mais veria o seu marido. Fui filho do meu Herói favorito. A pura definição de Herói, um indivíduo comum que encontra força para perseverar e ultrapassar os mais inacreditáveis obstáculos, liderando os seus camaradas. Alguém que é altruísta, generoso em espírito, que dá o melhor de si à sociedade e seus semelhantes, incluindo os povos das ex-colónias, com total desapego material e por títulos e honrarias; ao ponto de deixar a família para segundo plano, e de ser inacreditável, ninguém é assim desapegado!

E fui filho do Otelo, que todos (pensam que) conhecem. Amei ser filho do meu Pai, não gostei de ser filho do Otelo. O nome e a figura dele foram usados e abusados, e sim, muito por culpa dele próprio; não se defendeu, porque acreditava sempre no melhor dos seus próximos. Otelo merecia muito mais de Portugal.

Fico profundamente triste por não se ter feito a obra sobre o pós 25 de Abril, algo tão bem escrito quanto foi o "Alvorada em Abril". Anos a fio, foi a prenda de anos e de Natal que lhe pedia. "O Verão Quente do Óscar" seria um testemunho único, essencial para a história recente do nosso País, agora que se aproximam os 50 anos da comemoração da revolução. Daquela forma arrebatada e pormenorizada que conhecem, ele contava histórias que eu nunca ouvi de ninguém, que mostravam as Virtudes acima descritas, misturadas de uma inacreditável ingenuidade e alguma provocação. Muitas dessas provocações eram levadas a sério por quem as ouvia; eu conhecia-o, fazia um ligeiro sorriso quando estava a emitilas, essencialmente para gozar da reação dos outros. Eu não gostava nada que o fizesse, pois que observava que muitas vezes eram levadas a sério...

Desde adulto que sempre procurei o contraponto "realista"; Dizia-lhe que o mundo não é justo, que nos Tribunais se faz Direito e não Justiça, que a visão e esperança que ele tinha relativamente aos seus concidadãos não era de todo recíproca, nomeadamente o ideal sobre a democracia popular; e passámos quase 40 anos a concordar em discordar um do outro, por vezes zangados (eu zangado...), mas sem nunca perder o amor, consideração e estima mútua.

Há um ditado que diz “Um Leão não se preocupa com a opinião das ovelhas”. Sofri por esse afastamento da realidade, essa despreocupação sobre o que diziam dele; não sou um Herói, um Leão. A opinião pública é impiedosa e mesmo a mais consensual figura pública tem quem a odeie por alguma razão. E o Otelo nunca foi consensual, foi sempre um iconoclasta! E um símbolo: do 25 de Abril, da Liberdade plena nunca antes usufruída em Portugal, do acesso ao processo democrático. Os símbolos são sempre alvos e ele, de tão aberto e generoso que era, foi sempre um alvo fácil.

Os seus Camaradas conhecem-no, alguns chamam-no “um Ghandi fardado”:

- O jovem oficial Otelo, reconhecido e amado por todos os seus soldados, nunca usou balas nas suas armas durante as três comissões em África.
- O major comandante revolucionário Óscar que arquitetou uma revolução exemplar para todo o Mundo, em que não houvesse tiros e o poder fosse tomado pela astúcia e coragem, não pela força. Quando algum dos jovens conspiradores vinha com ideias “explosivas” que poderiam causar vítimas dizia-lhes “está calado, nem pensar, não há 1 vítima sequer”.
- O general Otelo que tinha a maioria do poder militar em Portugal, mas que se retirou e foi para casa em 25 de Novembro, evitando uma guerra civil.

Ele queria voltar à sua vida feliz e normal dia 26 de Abril: e foi o que fez, foi almoçar com a família, como tinha prometido e queria continuar como Professor na Academia Militar; não conseguiu, não o deixaram.

Colocaram-lhe aos ombros as maiores responsabilidades do País, às quais procurou corresponder até ao esgotamento. Cometeu erros? Claro, só não os comete quem nada faz. Estava preparado? Não, ele próprio sempre se disse um militar, um estratega, não um político. Teve atuação política: claro, com as responsabilidades que tinha seria possível não ter atuação política, numa aprendizagem forçada! Quis ter as responsabilidades que teve? Nunca, pelo contrário, estavam sempre a colocar-lhe mais carga em cima porque ele decidia, ouvia, todos recorriam ao COPCON porque era onde decisões eram tomadas. Quis alguma honraria ou homenagem? Nenhuma, ele próprio colocou as suas divisas sobre a mesa e recusou ser Presidente, Primeiro-ministro, Chefe de Estado Maior das Forças Armadas, Deputado, Candidato a Presidente de Câmara, etc., etc. Era humano? Era, mas com as virtudes que já antes disse, a que se acrescenta um enorme coração!

E foi este servidor da Pátria que esteve por 2 vezes e mais de 5 anos na prisão. A primeira vez que o visitei em Santarém, tinha eu 10 anos, não compreendia como o meu Herói, que para mim fazia sempre tudo certo, o Pai favorito de todos os meus amigos, estava atrás das grades; e tinha lá ido parar por decisão dos seus camaradas, que no íntimo sabiam que ele nada tinha feito de errado. Tinha acabado de entrar no Colégio Militar em Outubro de 75, e foi duro...

5ª feira passada falávamos sobre o processo das FP-25 e perguntei-lhe: "Lembras-te de que eu próprio tive de te perguntar na prisão de Tomar, olhos nos olhos, de Pai para Filho, se tinhas tido algum envolvimento? Com tudo o que se dizia nos jornais e TVs, a dúvida instalou-se em mim, teu filho... E na altura até me respondeste algo zangado que NUNCA, até parecia que não o conhecia!"

E depois perguntei "E alguma vez perguntaste diretamente aos teus Camaradas?". Respondeu-me, "Eles sabem! Eles conhecem-me". "Alguns foram minhas testemunhas abonatórias!?", ao que retorqui que uma coisa é ser testemunha abonatória, outra é ele ter-lhes perguntado diretamente: "Acreditas que nada tive a ver com isto?" e ouvir a resposta. Calou-se. Devíamos ter falado do futuro, infelizmente o passado sempre nos assombrou a vida.

Nas suas próprias palavras:

- "A minha responsabilidade nos atentados terroristas das FP25 é zero!"
- "Nunca mandei matar ninguém. Tenho horror a qualquer assassínio. Liquidar um ente humano é para mim extremamente doloroso, não concebo que alguém o consiga fazer. E no entanto tenho este rótulo que me é dado"

Eu, nós, sabemos a verdade; a que se conhece por intimidade, se sente no nosso coração. O meu Pai era de uma transparência cristalina, ele próprio era o primeiro a admitir os seus erros e fraquezas. Só não admitia o que não fazia. Não falarei do processo, dos "arrepentidos", do acórdão do Tribunal Constitucional que se pronuncia pela inconstitucionalidade do processo, pondo em causa o seu valor jurídico e abrindo a porta à sua nulidade, pela sequente e sempre rejeitada amnistia, e pela absolvição a 6 de Abril de 2001. Talvez um dia os cobardes que se aproveitaram dele e da sua imagem, nomeadamente para serem amnistiados sejam "homenzinhos" e digam a verdade.

Sei que o que corroeu o meu querido Pai foi a tristeza e amargura. O choque da realidade só o atingiu nos últimos anos... pelas narrativas que se criaram sobre ele, e pelo falecimento há 6 meses da sua muito amada mulher Dina, que lhe deu os 3 filhos e o acompanhou nas 3

comissões em África. Depois de muitas outras, esta foi a maior ferida, a fatal. Estava ao lado dele no quarto quando ela morreu, ouvi o que disse, e senti o tiro fatal no Leão. Ainda tentei em desespero que o projeto do livro arrancasse; tarde de mais...

Tínhamos ainda tanto para falar! Sem o lastro do passado, havia tantos conselhos que ainda me poderia dar! Os netos e bisnetos precisam ainda tanto dele, daquele amigo generoso, contador de histórias de largos gestos e sorriso sempre pronto, que nunca se zangava. O Pai favorito de todos os meus amigos, que todos perdemos em 1974. Sentimos uma perda indiscreto, mas o meu coração reterá as boas memórias e o exemplo.

O Otelo é uma personalidade maior que o Homem. A ele Portugal deve a Liberdade e a Democracia. Deve uma Revolução exemplar para o Mundo, que derrubou o mais antigo e perene regime autoritário da Europa, e que colocou este País cinzento e desonrado no centro do Mundo, pelas melhores razões.

Honremos a sua memória, repondo a Verdade por cima das narrativas e prestando-lhe a homenagem a que esta figura histórica tem direito.

Lisboa, 27 de Julho de 2021

Sérgio Bruno Carvalho

